

A cidade modernizada: questões acerca do viver urbano, dos conflitos e das memórias

Nataniél Dal Moro*

Resumo: A cidade contemporânea tem sido objeto-sujeito de diversas ações, tanto simbólicas como materiais. O presente artigo objetiva dialogar com o mundo social dito concreto, objetivo. Qual seja? O da reordenação material de espaços citadinos que, por sua vez, inviabiliza a presença, produção e fixação de determinadas pessoas em algumas áreas da cidade de São Paulo, tanto públicas como privadas.

Palavras-chave: Cidade. Modernização. Elite. Pessoas comuns.

Abstract: The modernized city: issues related to the urban life, conflicts and memories. The contemporary city has been object-subject of several actions, both symbolic and materials. This article aims at dialoging to the social – the stated concrete, objective – world. Which one? The one of the material re-arranging of city spaces that, in turn, makes unfeasible the presence, production and establishment of certain people in some regions of São Paulo city, both, public and private.

Key-words: City. Modernization. Elite. Ordinary People.

Introdução

A cidade de São Paulo está sempre num constante destruir, construir e, por vezes, reconstruir de espaços urbanos. Neste processo, muitas lembranças, memórias, sensibilidades, experiências e histórias são deixadas de lado; muitas delas ficam perdidas, relegadas para o campo do inacessível, do indecifrável. Sentimentos e subjetividades também sucumbem a esta realidade. Por outro lado, novas e geralmente mais funcionais estruturas, tanto mentais como materiais, passam a ocupar/reocupar de forma hegemônica tais espaços.

Pensando nesta problemática o presente artigo objetiva dialogar com este mundo social dito concreto, objetivo. Qual seja? O da reordenação material de espaços citadinos que, por sua vez, inviabiliza a presença, produção e fixação de determinadas pessoas, que neste caso são os moradores de rua, popularmente chamados de mendigos, em algumas áreas, tanto públicas como privadas, da urbe em pauta: São Paulo, uma das maiores cidades do planeta.

Cidade moderna, cidade modernizada

A cidade contemporânea tem sido objeto-sujeito de diversas análises. Boa parte das cidades latino-americanas e brasileiras, em especial, são fruto do processo de modernização que se deu no decorrer do século XX. Falar em modernização implica em conceituar não apenas este termo, mas também definir o que se entende por modernidade, haja visto que não são sinônimos. Longe disso, são conceitos específicos, cada qual designante de uma realidade histórica.

O conceito modernidade tem sido historicamente utilizado para identificar as sociedades que se formaram na Europa Ocidental e na América Anglo-Saxônica durante o período da Idade Moderna. Pensa-se em modernidade como um estilo societário, um conjunto de costumes, práticas, projetos e atos que visam a consolidação desta organização social que se fez mais nítida a partir do século XVII, tal como pode ser observado nos escritos de Walter Benjamin (1989) e de Marshall Berman (1989). “A modernidade rompeu o mundo sagrado que era ao mesmo tempo natural e divino, transparente à razão e criado.” (TOURAINÉ, 2002, p. 12).

A Revolução Industrial e a Revolução Francesa, depois de postas em andamento, deram significativo impulso para os ideais da modernidade. Foi neste momento que os valores e as visões de mundo da modernidade passaram a ser cada vez mais hegemônicos. Vários países latino-americanos recém-independentes no século XIX utilizaram os preceitos da modernidade como lei máxima. Os resultados não foram muito animadores; conflitos passaram a ferver em vários locais.

No contexto europeu, modernidade era sinônimo de participação política. Os cidadãos é que diziam quais rumos o Estado nacional devia seguir, que projetos deviam ser postos em prática, quais seriam deixados de lado, o que era de importância ou não para a sociedade. Para Alain Touraine (2002, p. 9):

A idéia de modernidade, na sua forma mais ambiciosa, foi a afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões.

Embora a modernidade se mostre como sendo um campo repleto de inovações e por excelência um local para o surgimento e a consolidação do moderno, do novo e, também, do racional e justo socialmente, na realidade isso não ocorre de forma tão abrangente. As sociedades modernas são conflitantes em sua constituição histórica, cheias de contrastes,

contudo, são, ou pelo menos se dizem, efetivamente racionais. Segundo Touraine (2002, p. 18): “A idéia de modernidade está portanto estreitamente associada à da racionalização. Renunciar a uma é rejeitar a outra.”

A ideologia ocidental da modernidade, que podemos chamar de modernismo, substitui a idéia de Sujeito e a de Deus à qual ela se prendia, da mesma forma que as meditações sobre a alma foram substituídas pela dissecação dos cadáveres ou o estudo das sinapses do cérebro (TOURAINÉ, 2002, p. 20).

A negação, pelo menos teórica, do passado medieval, da tradição e do sagrado, também é uma das características fundamentais da modernidade. A “[...] destruição alegre do sagrado, de suas proibições e de seus ritos é um acompanhamento indispensável da entrada na modernidade.” (TOURAINÉ, 2002, p. 40). Analisando a realidade brasileira, Gilberto Freyre (1933) afirmou que a modernidade nacional deve muito à tradição; sem esta última, a primeira não existiria.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento (1996, p. 8), dois processos concomitantes, ao longo do século XIX, formaram a modernidade: o da “transformação capitalista do mundo” e o da

[...] progressiva expansão de uma ordem burguesa, com seu corolário de crenças, valores, idéias. A internacionalização deste processo, ocorrido a partir de uma matriz européia, correspondeu a uma internalização do capitalismo em terras americanas, expressa em transformações ao mesmo tempo econômico-sociais e político-ideológicas. Neste contexto, deu-se a emergência paulatina de uma ordem urbano-industrial, que reinverteu as relações campo-cidade, colocou a urbe como o “lugar onde as coisas acontecem” e trouxe à cena atores sociais, portadores de também novas práticas e idéias. A contrapartida cultural desta ampla gama de transformações materiais e sociais é que se entende como modernidade. Ela se traduz em comportamentos, sensações e expressões que manifestam o sentir e agir dos indivíduos que vivenciam aquele processo de mudança.

Nos chamados “países desenvolvidos”, os antagonismos societários se mostram de forma mais branda. Já em “países em desenvolvimento”, ou “subdesenvolvidos”, os conflitos são muitos. A modernidade, neste caso, não se faz presente com tanta força. Análises sociológicas, políticas e historiográficas desenvolvidas nas décadas de 1950-60 mostram que nestes últimos não há modernidade, mas sim modernização. No primeiro grupo, é a sociedade capitalista como um todo que faz a modernidade tomar corpo; no segundo, é o nacionalismo e os sujeitos que o controlam que fazem a modernização, e não a modernidade, existir.

No entender de Raymundo Faoro (1994, p. 99),

[...] a *modernidade* compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo seus papéis sociais, enquanto a *modernização*, pelo seu toque

www.pucsp.br/revistacordis

voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes. Na modernização não se segue o trilho da “lei natural”, mas se procura moldar, sobre o país, pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança. [...]. Na modernidade, a elite, o estamento, as classes – dizemos, para simplificar, as classes dirigentes – coordenam e organizam um movimento. Não o dirigem, conduzem ou promovem, como na *modernização*, ao contrário da modernidade, cinde a ideologia da sociedade, inspirando-se mais na primeira do que na segunda.

Imagem 1. Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira, inaugurada no dia 10 de maio de 2008, na zona sul da cidade de São Paulo (SP). O “progresso”, a modernização, da obra de 138 metros de altura que pode ser vista de vários pontos da cidade contrasta com moradias miseráveis (favela na avenida Jornalista Roberto Marinho) e moradores de rua que são sistematicamente afastados da obra-cartão postal de São Paulo. Há policiamento em pontos estratégicos da ponte e isso evita a fixação de moradores de rua embaixo da obra. (FOI..., 2009).



No Brasil, a modernização é bem mais presente do que a modernidade. Os grupos dominantes ou as elites dirigentes se encarregaram de estruturar a sociedade ao seu modo. Quando a população mais humilde tentou fazer parte das discussões, a força foi, quase sempre, a resposta da elite para os “contestadores”. Obras públicas, licitações, cargos e inclusive aprovação ou alteração de leis são práticas já comuns desde longa data neste País e visam atender sobretudo os anseios e interesses das elites dirigentes.

Tanto no campo como na cidade a modernização brasileira é vigorosa. O grande problema é que ao produzir riqueza também foi gerada muita pobreza e miséria social.¹ A modernização agrícola, e em menor proporção a pecuária, ocorrida nas décadas de 1960 e sobretudo na de 70 transformou o Brasil num dos maiores produtores mundiais de grãos e carnes. O ponto negativo desta história é que mais de 15 milhões de pequenos agricultores ou posseiros tiveram que deixar o campo para este avanço modernizador ocorrer.

As cidades receberam estas pessoas, porém de forma muito pouco adequada. Criminalidade, falta de moradia, desemprego e tantos outros problemas avolumaram-se nestas décadas e nas seguintes. Todas as cidades “sofreram” com este processo; o aumento e a formação de favelas intensificaram-se de modo muito destacado. Em 1957 havia 141 favelas na cidade de São Paulo; no ano de 1973 já eram 525 (PASTERNAK, 2002, p. 5). Em 2008 o número aumentou para 1.603 favelas (VILICIC et al., 2009).

Imagem 2. Arquiteturas horizontalizada e verticalizada: moradias que contrastam. No primeiro plano vê-se a segunda maior² favela da cidade de São Paulo: Favela Paraisópolis, localizada na zona oeste da cidade de São Paulo (FARIAS, 2009a); no segundo plano, residências de alto padrão. Paraisópolis nasceu na década de 1920 “[...] de um loteamento de 2.200 pequenos terrenos. Chamado de Fazenda do Morumbi, o local permaneceu desocupado por mais de duas décadas, até ser invadido por migrantes nordestinos, atraídos pela promessa de emprego na construção civil. Em 1970, 20.000 pessoas já ocupavam o espaço irregularmente.” (VILICIC et. al., 2009).



¹ Outros detalhes a respeito dessa realidade estão no texto “Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)” (MORO, 2007).

² A primeira é Heliópolis, no Bairro do Sacomã, que possui 120 mil moradores (VILICIC et. al., 2009).

Imagem 3. A mesma paisagem, porém vista de outro ângulo. O contraste entre padrões de vida fica ainda mais evidente. Pobreza e riqueza convivem praticamente juntas. (FARIAS, 2009b). A comunidade ocupa uma área de 800.000 mil m², que corresponde a 97 campos de futebol, e tem 80 mil habitantes. De acordo com levantamento realizado pela Prefeitura no decorrer dos anos de 2006 a 2008, cerca de 80% dos moradores não possuíam rede de esgoto, 60% estavam sem energia elétrica e 21% eram semi-analfabetos (FARIAS, 2009a).



Além disso, a modernização que vigora na América Latina busca desqualificar com muita rapidez as pessoas pobres ou não detentoras de uma educação institucionalizada. Raramente são tornadas públicas afirmações como esta:

Pessoas pouco ilustradas podem ter compreensão política superior à de pessoas muito ilustradas, – e isto toca de perto os intelectuais e reduz bastante as dimensões de algumas de suas mais caras ilusões. Um operário pode ter – tem, com freqüência – posições políticas mais justas, mais lúcidas, qualitativamente superiores às de um intelectual, de um escritor, de um político, no sentido vulgar, isto é, aquele que faz política, como atividade específica, que se candidata a funções eletivas, que exerce cargos executivos públicos. Não pertence, obrigatoriamente, como privilégio, às pessoas das classes superiores, a superioridade política. (SODRÉ, 1979, p. 112).

O texto de Nelson Werneck Sodré ajuda a problematizar de forma estrutural a racionalidade de que a elite se diz portadora. Na modernização, a elite dirigente é quem comanda o Estado nacional, logo, não há pertinência de o povo falar, expressar suas opiniões, fazer política, pois a elite já o faz, e para todos.

Quando Sodré escreve – “Não pertence, obrigatoriamente, como privilégio, às pessoas das classes superiores, a superioridade política.” – ele questiona uma das bases ideológicas da modernização/racionalização brasileira, qual seja, a de que a elite é quem deve conduzir os rumos da sociedade nacional. Esse discurso, na cidade, tem sido cada vez mais contestado, sobretudo a partir da década de 1980, quando movimentos sociais, dos mais diversos, reterritorializaram espaços antes controlados pelas elites ou majoritariamente por ela dominados.

A cidade passou a ser cada vez mais um local de práticas múltiplas que, por vezes, conflitam-se cotidianamente. A modernização cidadina conseguiu em alguns casos afastar os populares ou pobres de algumas áreas centrais e privilegiadas em infra-estruturas das cidades, porém não eliminou na totalidade os cotidianos considerados “indesejáveis”. De acordo com a FIPE, no ano de 2000 havia 8.706 moradores de rua (adultos e crianças) na cidade de São Paulo; em 2010 já eram 13.666. Houve, portanto, um aumento de 57% em uma década (DRAMA NAS RUAS, 2010, p. 2).

Imagem 4. Moradores de rua no Bairro de Perdizes, na zona oeste da cidade de São Paulo (SP). No momento em questão, por volta das 15 horas do dia 19 de novembro de 2009, os sujeitos faziam a refeição do almoço, quase sempre com alimentos doados pelos proprietários de restaurantes existentes nas ruas Bartira, Monte Alegre, João Ramalho ou Cardoso de Almeida.³



³ Esta imagem e todas as que se seguem são de autoria do autor deste artigo. Perdizes é um distrito da cidade de São Paulo, pertencente à Subprefeitura da Lapa. O estudo em questão mapeou em Perdizes o espaço físico delimitado pelas avenidas Dr. Arnaldo e Sumaré e pelas ruas Turiassu e Cardoso de Almeida.

Múltiplos viveres urbanos

O processo de modernização em voga produziu e continua a produzir, então, distintas formas de experimentação da cidade. Uma das mais visíveis, talvez a mais evidente de todas, é a externada pelo olhar: vemos a engenharia e a arquitetura em constante fluxo de fazer e refazer as obras. Bastam dias e até horas para a condição material da cidade de São Paulo ser alterada.

Esta materialidade não fica restrita ao mundo concreto. Modificar a concretude também pode alterar o cotidiano das pessoas. Numa megalópole como São Paulo, que possui em torno de 11 milhões de habitantes, há múltiplos cotidianos em ação. O espaço citadino acolhe experiências etárias, geracionais, partidárias, de gênero, culturais, dentre inúmeras outras formas de constituição do que se pode chamar de “identidade” ou “identidades”.

Imagem 5. O senhor que aparece no lado direito da imagem, de terno azul escuro, tem 70 anos, sendo que vive na rua há mais de 4 décadas. Conforme relato feito por este sujeito no dia 19/11/2009, as adversidades existentes na rua são de várias ordens. Para viver na rua é preciso ter conhecimento específico dos territórios da cidade e das pessoas que podem fornecer alimentos, roupas e medicamentos. É preciso saber que alguns horários possibilitam determinadas práticas e outros não; pedir alimentos nos restaurantes é um exemplo; utilizar locais para dormir é outro.



É inegável que neste espaço não há apenas ações pacíficas. Existem violências materiais e simbólicas de variados graus e intensidades. Os agredidos de um tempo e espaço podem se tornar agressores em um outro território. Quem ouve um insulto também tem o potencial de insultar o outro. Estas questões nem sempre são observadas pelo universo acadêmico com a devida importância, sobretudo pelo fato desta problemática não fazer parte da historiografia tradicional e, portanto, mais consolidada.

Na cidade de São Paulo pode-se encontrar diversas e conflitantes formas do viver urbano. Cada sujeito, ao seu modo, constrói sua própria atmosfera, reorganiza costumes e valores, empreende projetos, priorizando uns e abandonando outros. Este cotidiano defronta-se com o dos demais indivíduos. Nasce então conflitos dos mais diversos; alguns ficam restritos ao universo das palavras; outros chegam mesmo a existir no plano das ações materiais. Ambos transformam a cidade e os que a habitam.

O viver da maior parte das elites urbanas, em particular das existentes nos grandes centros citadinos, está centrado num tripé que já deve ser conhecido por muitos: residência, trabalho e lazer. A permanência no espaço público das metrópoles brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, tem sido diariamente intensificada, mesmo que a contragosto das pessoas.

Podemos então mencionar uma alteração drástica neste processo. Resultado: o espaço público passou a ocupar boa parte da vida das elites e também dos sujeitos populares, mesmo que a contragosto. O trânsito congestionado acentua ainda mais essa realidade; muitas pessoas passam, por isso, horas nas vias públicas.

A cidade modernizada no Brasil, por seu turno, (ainda) não é sinônimo de segurança e nem de equidade social. Se por um lado são edificadas construções de alto padrão, verdadeiras mansões ou palacetes suspensos, por outro, a pobreza ainda impera em largos territórios. A violência simbólica e concreta também. E é sobretudo para brevar a violência urbana que a cidade de São Paulo tem sido reestruturada em sua estrutura física.

Ao reordenarem o espaço privado e por vezes o público, conflitos apareceram e ainda estão por ser sanados. Desta luta, pode-se mensurar no mínimo com mais propriedade a força e os interesses dos que a integram. Quem são estes sujeitos? Quais os conflitos e as memórias que possuem?

Conflitos e memórias nas imagens da cidade

Existir socialmente, como bem mostrou Bourdieu (1998), é uma relação de força, é uma luta entre sujeitos históricos que se encontram e possuem interesses conflitantes, antagônicos. No espaço urbano isso ocorre com muita intensidade. O difícil está em localizar os conflitos e as memórias não-hegemônicas, já que as dominantes não hesitam em se fazer presentes na urbe. As elites mostram os seus interesses e visões de mundo em obras de arte, nas edificações, nos monumentos e em textos literários e acadêmicos. Mesmo assim muita coisa ainda foi perdida no decorrer do tempo.

E os sujeitos comuns? Conseguem eles legar ao presente e ao futuro documentos que “falem” dos conflitos e das memórias que viveram? Cabe pensar então como se pode visualizar estes conflitos e memórias não-hegemônicas. Importante frisar que estes, por sua vez, estão sempre relacionados com os outros, afinal, não há dominado sem dominante. Os conflitos e as memórias da elite tem sempre relação com as memórias e os conflitos do povo comum.⁴

Os conflitos em torno do espaço público são bem latentes. As territorializações sinalizam utilizações e reutilizações da cidade. Quem as fez ou as faz? Sujeitos históricos que dominam e também que são dominados; algumas vezes a relação de poder também é alterada. E é nesta relação de poder que algumas memórias ganham destaque e outras são relegadas para o campo do esquecimento.

Um olhar crítico sobre o objeto-sujeito CIDADE possibilita descortinar muitas destas questões. Na medida em que as cidades passaram por processos de modernização, algumas preocupações foram sanadas e outras ganharam território. Na cidade modernizada e contemporânea, e São Paulo é um ótimo exemplo, a problemática da violência urbana conquista cada vez mais atenção nos meios de comunicação e no cotidiano dos indivíduos. A violência, seja a ação para contê-la ou não, transforma a cidade, cria territórios, produz sociabilidades, enfim, constrói uma outra materialização sobre a cidade.

Parte dessa realidade foi quantificada. Dados da segunda edição da pesquisa “Viver em São Paulo” mostraram que 87% dos 1.512 entrevistados consideravam a cidade “insegura ou muito insegura” e 57% disseram que, se pudessem, deixariam de morar em São Paulo devido a violência e a criminalidade existentes. Apenas 12% dos entrevistados reclamaram do trânsito na metrópole (MOVIMENTO..., 2009). Contudo, existem sujeitos destinam mais de 5 horas entre os deslocamentos de ida para o trabalho e o de retorno para as suas residências.

⁴ Para uma definição conceitual do termo “povo comum”, ver o escrito “A outra história: algumas reflexões”, de Eric Hobsbawm (1990).

www.pucsp.br/revistacordis

Imagem 6. Muro de um imóvel na rua Bartira, no Bairro de Perdizes (novembro, 2009). Este tipo de proteção é cada vez menos comum nesta região da cidade de São Paulo. Por outro lado, é crescente o número de muros com 2 ou mais metros de altura, quase sempre acompanhados de arames, estruturas pontiagudas e/ou cercas elétricas.



Imagem 7. A ocupação do espaço público das calçadas também tem sido alterada via ação da engenharia. Na imagem, de novembro de 2009, pode-se ver a existência de metais numa calçada da rua Monte Alegre. É bem possível que o objetivo inicial tenha sido o de dificultar a permanência de pessoas no local, algo que tem se tornado cada vez mais comum na região. Na prática, um dos efeitos da estrutura metálica foi mesmo o de afastar as pessoas da calçada. Deve-se apenas passar pelo local, e não parar.



Imagem 8. Escadaria de acesso/saída da PUC-SP, localizada na rua Ministro Godói, entre as ruas João Ramalho e Bartira (novembro, 2009). A grade embaixo da escada foi posta no ano de 2009. Antes disso, o presente espaço era utilizado para diversas finalidades. Os vendedores ambulantes protegiam-se da chuva e os moradores de rua, por vezes, também utilizavam o local para guardar objetos, como latinhas de alumínio, roupas e sacolas para, durante a noite, transformar o espaço em “residência temporária”.

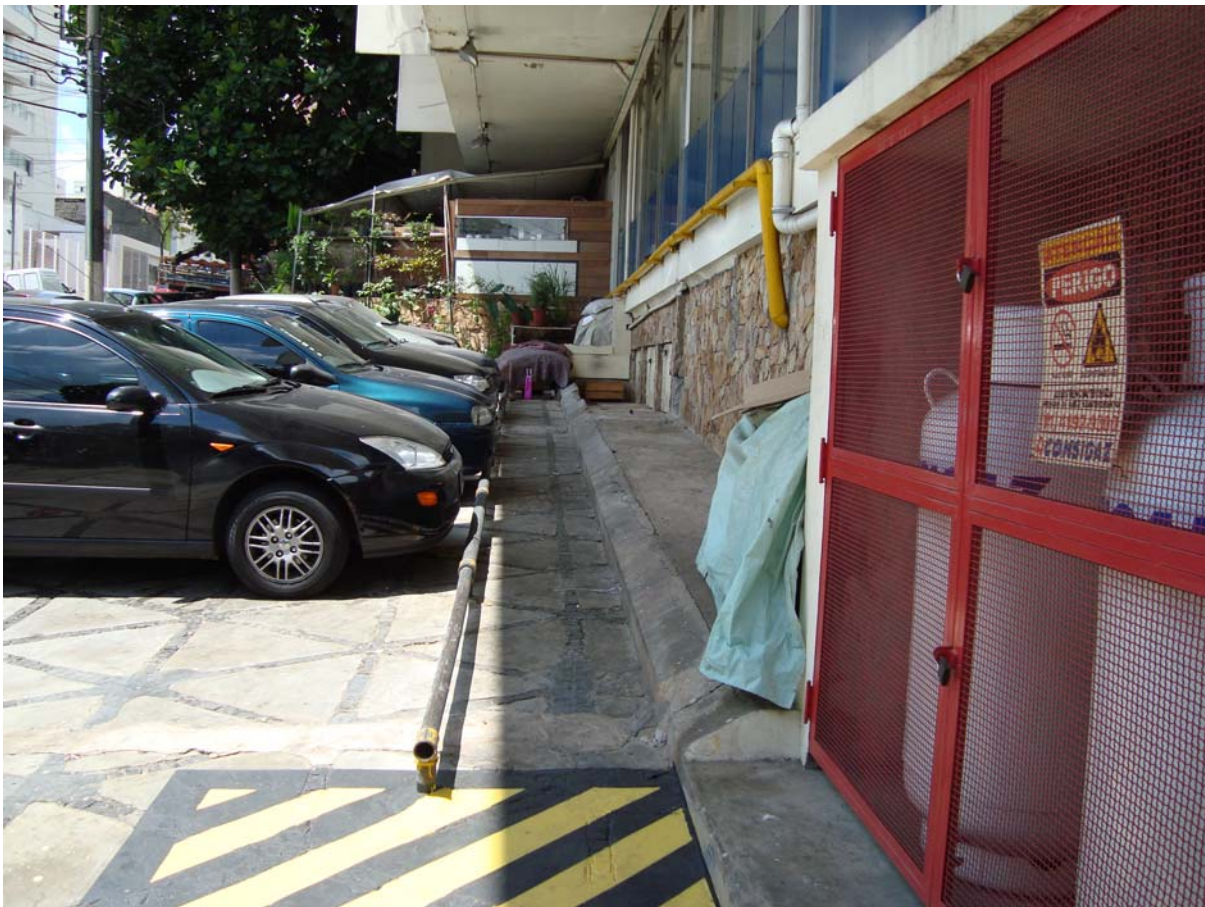


Desterritorializações e reterritorializações: moradores de rua num bairro de elite⁵

Dependendo do trajeto que se faz, é possível andar pela cidade de São Paulo sem ver qualquer tipo de pobreza arquitetônica. No Bairro de Perdizes há inúmeras áreas que são ocupadas, apenas durante a noite, pelos moradores de rua. Sendo assim, pode-se dizer que existe uma arquitetura que se mostra durante a noite e se desfaz durante o dia.

⁵ Maiores informações sobre o viver destes sujeitos estão no artigo intitulado “A experiência da rua” (MORO, 2008). A respeito dos conceitos “desterritorialização/reterritorialização”, ver Deleuze e Guattari (1997).

Imagem 9. Nesta imagem, esquina das ruas João Ramalho com Dr. Franco da Rocha, vê-se um dos vários locais que os moradores de rua do Bairro de Perdizes utilizam para dormir. Pode-se chamar estes locais de “residências temporárias”. O corredor ao lado da parede de pedra é, para estas pessoas, uma cama. Durante o dia não há aparentemente indício de que o local seja utilizado para tal finalidade; durante a noite, sobretudo após o término das atividades do Supermercado Pastorinho, alguns moradores ocupavam este território, sendo que antes das 8 horas da manhã do outro dia, horário de abertura do estabelecimento, já tinham deixado o local.



Esse caso sinaliza de modo muito pertinente a existência de territórios citadinos. Em certas ocasiões os espaços eram ocupados por alguns sujeitos e suas determinadas práticas; já em outras oportunidades eram reterritorializados por outros sujeitos e por outras práticas sociais. Por vezes a população do Bairro empreendia obras visando afastar os moradores de rua de alguns espaços, geralmente os que podiam e eram utilizados como dormitórios durante o período da noite.

Imagem 10. Essa escada de um estabelecimento comercial sintetiza com muita propriedade a reordenação dos espaços da cidade visando dificultar ou afastar definitivamente os moradores de rua de determinados locais. Na imagem, datada do dia 12 de abril de 2010, vê-se uma escada existente na rua Dr. Franco da Rocha, entre as ruas João Ramalho e Bartira, e, embaixo desta, um espaço repleto de pedras. Esse local era, antes da reordenação, um ponto de dormir dos moradores de rua; agora não é mais.



Até o início do ano de 2009 havia na calçada da rua Cardoso de Almeida uma moradia que ocupava quase que todo o espaço do passeio público (calçada) num percurso de 4 metros. O morador era um senhor de aproximadamente 50 anos. Devido a construção de um conjunto de lojas, algumas residências antigas da área, e também parcialmente sem locatários ou moradores, foram demolidas. A moradia sobre o espaço da calçada fez parte do projeto: deixou de existir, assim como tantas outras construções, independente da arquitetura que tenham.⁶ Esse processo demonstra muito bem o aparecer de algumas territorializações e memórias e o deixar de existir de outras.

⁶ Devido a construção de edifícios residenciais de alto padrão, com apartamentos de mais de 300m² e 4 vagas para estacionamento, boa parte das casas geminadas e prédios das décadas de 1940-50 tem sido demolidos para possibilitar o surgimento de edifícios luxuosos, alguns deles com quase 30 andares no Bairros de Perdizes. Segundo reportagem da Folha Online (2009), o metro quadrado nestes imóveis alcança o valor de mais de R\$ 5 mil reais e a renda média dos moradores das Perdizes era de 22,6 salários mínimos por pessoa.

Diante da situação antes mencionada, uma das únicas, talvez a única moradia no estilo “casebre” de Perdizes no final do ano de 2009 estava na esquina da rua Ministro Godói com a avenida Sumaré; nela havia até mesmo energia elétrica. Quanto à água utilizada, ela vertia do próprio terreno. No muro constavam algumas saídas de água e na calçada mesmo os moradores de rua lavavam as vestes e, inclusive, utilizavam a mesma água para beber.

Imagem 11. “Residência permanente” de moradores de rua no Bairro de Perdizes (novembro, 2009). A habitação localiza-se na rua Ministro Godói, bem próximo da avenida Sumaré. Embora o terreno estivesse à venda (conforme mostra a placa), o morador permanecia no local sem ser “incomodado” pelos proprietários. A base da moradia era a estrutura de um *trailer* abandonado; no entorno havia postes de madeira e a partir disso edificou-se um telhado. A residência contava também com uma pequena área de serviço que possuía tanque e torneira, cuja água vertia do próprio terreno. Essa região é muito encharcada. Onde há a avenida Sumaré, outrora era um córrego. Para conter a natureza do terreno, foram plantadas árvores de Eucalipto nas proximidades do local, fato que evitou a contínua saída de água do terreno. Nesta parte do terreno não há tais árvores e a água verte constantemente. O muro que aparece na imagem possui orifícios para o escoamento da mesma.



Imagem 12. Depois de um deslizamento de terra ocorrido às 03:00 horas da madrugada do dia 21 de janeiro de 2010, a respectiva “residência permanente” ficou avariada. O ocorrido foi noticiado na mídia local e nacional. O site Uol Notícias (2010) informou que o deslizamento não provocou perdas humanas; o único ferido foi o Sr. José Pereira de Oliveira, de 58 anos. Na matéria, ele – o morador de rua – foi apresentado como caseiro. Mesmo depois do deslizamento e da parcial destruição do casebre, o morador continuava no local, fato constatado em visita realizada no dia 10 de abril de 2010, data da obtenção da imagem acima. Embora fossem poucos os imóveis inacabados e/ou abandonados neste espaço da cidade de São Paulo, os existentes eram muito disputados pelo povo comum. Na rua Vanderlei, entre os números 637 e 687, havia outro “caseiro” residindo numa construção inconclusa. A “residência permanente” ocupava o local projetado para ser o estacionamento de um prédio.



Considerações finais

Viver numa cidade, independente da proporção que ela tenha, é sempre uma experiência única para cada sujeito histórico. A cidade é apreendida de diversas formas; cada um tem uma cidade, cada um conhece e experiencia ao seu modo a urbe. Dizer isso, no entanto, não implica em afirmar que a cidade é apenas e tão somente um mundo de sensações,

de sentimentos e de subjetivações, nem tampouco que a cidade não é concreta, objetiva e por isso mesmo não pode ser compreendida. Na verdade, uma realidade não exclui a outra. Para Pierre Bourdieu (2004, p. 33), a “realidade objetiva” só se mostra objetiva e materialmente por meio das ações subjetivas. A “realidade objetiva”

[...] só se manifesta no campo mediante as representações que dela fazem aqueles que invocam sua arbitragem. Esse pode também ser o caso noutros campos, como o campo religioso ou o político, nos quais, em particular, os adversários lutam para impor princípios de visão e de divisão do mundo social, sistemas de classificações, em classes, regiões, nações, etnias etc., e não cessam de tomar por testemunho, de algum modo, o mundo social, de convocá-lo a depor, para pedir-lhe que confirme ou negue seus diagnósticos ou seus prognósticos, suas visões e suas previsões.

Na cidade de São Paulo esse processo é perceptível na medida em que as imagens e as afirmações dos sujeitos são problematizadas. A cidade modernizada de uns é a cidade miserável de outros; quando uns deixam um espaço, logo ele é reterritorializado por outros sujeitos e outras práticas.

Quem está certo e quem está errado neste jogo? Quem é a vítima e quem é o vitimizado nesta história? Enveredar a análise para este campo ajuda a responder algumas questões de ordem estrutural da sociedade. O presente artigo, no entanto, buscou não se deter nesta problemática, mas insistiu em observar a CIDADE como um objeto-sujeito que possibilita a vivificação de diversas experiências.

Ao fazer isso, vê-se que a CIDADE é um território no qual coexistem realidades múltiplas, contraditórias, convergentes e pacíficas. Vê-se igualmente que a CIDADE está em constante transformação: cada novo dia, tarde ou noite apresenta uma nova CIDADE. A territorialização, desterritorialização e reterritorialização é constante, pois cada sujeito que nela age constrói outras formas de cotidiano, sejam estes das elites dirigentes ou do povo comum.

Referências

- BENJAMIN, Walter. A modernidade. In: _____. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um crítico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 67-101.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DRAMA NAS RUAS. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 2, 4 jun. 2010.

FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

FARIAS, Carolina. Falta rede de esgoto em favela de SP que movimenta R\$ 15 milhões ao mês. 2009. *R7 notícias*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/falta-rede-de-esgoto-em-favela-de-sp-que-movimenta-r-15-milhoes-ao-mes-20090927.html>>. Acesso em: 27 set. 2009a.

_____. Imagens do cotidiano da favela de Paraisópolis. 2009. *R7 notícias*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/fotos/imagens-do-cotidiano-da-favela-de-paraisopolis-3.html>>. Acesso em: 27 set. 2009b.

FOI hoje a inauguração da ponte estaiada em São Paulo. Disponível em: <<http://brasiliano.wordpress.com/2008/05/10/foi-hoje-a-inauguracao-da-ponte-estaiada-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

FOLHA ONLINE (2009). *Morador de Perdizes tem perfil de “bom vivant”*. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u636075.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1933.

HOBBSBAWM, Eric. A outra história: algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick. *A outra História: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 18-33.

MORO, Nataniél Dal. A experiência da rua. In: *XIX Encontro Regional de História da ANPUH – São Paulo*. 2008. Disponível em: <www.anpuhsp.org.br/downloads/.../PDF/.../Natani%20Dal%20Mor.pdf>. Acesso em: 10 out. 2009.

_____. *Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2007. 365 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007.

www.pucsp.br/revistacordis

MOVIMENTO NOSSA SÃO PAULO. *Pesquisa de opinião pública sobre a satisfação com a qualidade de vida na cidade e avaliação de serviços públicos*. 2009. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Pesquisa_IRBEM_Ibope_2010_completa.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2010.

PASTERNAK, Suzana. *Espaço e população nas favelas de São Paulo*. 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_ST21_Pasternak_texto.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). *O espetáculo da rua*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. Posição e responsabilidade dos intelectuais. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, n. 18, p. 99-122, 1979.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

UOL NOTÍCIAS. SP: barranco desmorona sobre trilha na zona oeste. 2010. Disponível em: <<http://videos.bol.uol.com.br/permalink/?view/sp-barranco-desmorona-sobre-trilha-na-zona-oeste-040219396EC0891326>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

VILICIC, Filipe et al. Violência em Paraisópolis, a segunda maior favela da cidade. 2009. *Veja São Paulo*. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2009/violencia-em-paraisopolis-segunda-maior-favela-da-cidade>>. Acesso em: 28 nov. 2009.

* Nataniél Dal Moro é doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CAPES. Este trabalho foi apresentado como comunicação oral no “II Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: Séries Urbanas: conflito e memória”, realizado pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem e pelo Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC), entre os dias 3 e 4 de dezembro de 2009 na PUC-SP. E-mail: <natanieldalmoro@bol.com.br>.